



DESAFIOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO

Cléia Teixeira dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)

Endereço eletrônico: Cleia0795@gmail.com

Laiane Michele Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)

Endereço eletrônico: laygeografa@gmail.com

Glauber Barros Alves Costa

Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)

Endereço eletrônico: glauberbarros@hotmail.com

971

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende destacar alguns desafios enfrentados por professores(as) e alunos(as) da educação básica nesse contexto de pandemia, no qual impediu que as aulas presenciais continuassem. No entanto, para que o processo formativo não fosse muito prejudicado pelo tempo de duração das medidas de distanciamento social aplicadas para conter a proliferação do novo Coronavírus, optou-se por utilizar o ensino remoto como estratégia educacional para todos os níveis, com destaque para o básico que é o foco deste trabalho.

Diante da atual realidade, é lúcido considerar que o ensino remoto deve perdurar por mais alguns meses; além disso, essa modalidade de educação tende a permanecer através das instituições de Educação à Distância, entre outras, o que faz das reflexões desta pesquisa oportunas para o pós-pandemia também, pois ela pretende dar subsídios para que o ensino remoto revise e repense algumas problemáticas.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, utilizou-se como metodologia a análise de dados do Relatório de pesquisa: os desafios de ser professor(a) durante a pandemia da Covid-19 na Bahia, organizado por Cunha e Costa (2021). Utilizou-se, ainda, a revisão bibliográfica de educadores que se debruçaram sobre a temática: educação em tempos de pandemia, entre eles Couto; Couto; Cruz (2020) e Senhoras (2020), que ofereceram panoramas importantes sobre os desafios do ensino remoto.

Realização:



Apoio:





RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pandemia da Covid-19 não é a primeira que assola o planeta, e é evidente que ela traz especificidades por estar em um contexto sócio-histórico diferente das outras. O próprio vírus é novo, mas como todo momento histórico que altera a “normalidade” da vida das pessoas, esse também deixará consequências para educação, saúde, relações sociais, para o modo como se encara a realidade etc.

Em termos de educação, pode-se considerar que o ensino remoto ou on-line, que já existia, sobretudo na modalidade de Educação à Distância (EaD), agora ganhou outra proporção pela urgência de sua adoção no período da pandemia. Houve a chance de se consagrar de vez como uma possibilidade de estratégia educacional, sendo utilizada, senão inteiramente, pelo menos de maneira híbrida, aliada a educação regular, ou seja, coexistindo com as aulas presenciais. No entanto, para que isso ocorra, é importante considerar a realidade do país, onde há grande desigualdade social; com isso, para a consolidação de qualquer alteração na educação, sobretudo, pública, é preciso minimizar essa situação, e em última instância, extingui-la.

Não se deve deixar de levar em consideração que a globalização, de alguma forma, proporcionou que a sociedade do século XXI conseguisse ter um isolamento social criativo, com as inúmeras vias de acesso à informação e de conexão entre pessoas. Enfim, é um avanço social considerável conseguir ficar isolado em casa mas ao mesmo tempo não se isolar completamente das pessoas e do que está acontecendo nas diversas sociedades espalhadas pelo globo, tendo, para isso, a possibilidade de acessar vídeos, filmes, textos, músicas, dentre tantas outras coisas, na Internet. No entanto, esse avanço social não alcançou um contingente considerável de pessoas que não têm esse acesso aos seus benefícios, incluindo, conseguir ter aulas em casa via internet. No que se refere ao ensino remoto, ou seja, on-line, é preciso levar alguns fatores em consideração:

As desigualdades sociais também são acompanhadas de exclusão digital [...] A pesquisa TIC Domicílios apontou que enquanto 92% da classe média está conectada, apenas 48% da população de baixa renda, Classes D e E, têm algum tipo de acesso à Internet, quase sempre via celular (TIC DOMICÍLIOS, 2019). Os desafios para a inclusão digital ainda são imensos no País. (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 210).

Para reforçar esses dados, cita-se Cunha e Costa (2021) que em seu relatório de pesquisa, mais especificamente, no gráfico construído com base nas respostas de 726 professores da educação básica baiana para a seguinte questão: “Você compreende que as



estratégias utilizadas possibilitam um ensino igual para todos os educandos?”, 542 professores escolheram a alternativa “não”. É preciso dar destaque a esses dados, ainda mais que na pesquisa de Cunha e Costa (2021), a maioria dos professores que responderam ensinam na rede pública; 87% dos professores entrevistados nessa pesquisa são desse seguimento, o que deixa evidente que ainda há muito o que se fazer para que o ensino on-line se efetive de maneira equânime, sobretudo na pandemia, quando é o meio mais seguro de fazer as aulas acontecerem.

Na educação formal, as experiências no uso das TICs possuem resultados muito diferenciados no contexto pandêmico da Covid-19, dependendo primeiramente das assimetrias nas condições infraestruturais e individuais de acessibilidade, bem como, em segundo lugar do nível de ensino (fundamental, básico e superior), idade dos discentes e graus de capacitação digital dos professores, sempre levando em consideração as condições pré-existentes (SENHORAS, 2020, p. 133).

Há um ponto salientado pelo autor que também precisa de atenção especial nesse momento de educação remota e diz respeito à capacidade (ou falta dela) que os professores têm de lidar com as tecnologias de informação e comunicação (TICs). De acordo o relatório de pesquisa apresentado por Cunha e Costa (2021), quando perguntados se os professores baianos possuíam equipamentos e domínio suficiente de informática para conseguir ministrar suas aulas on-line, 65% assinalaram a opção “não”. Isso evidencia que, para esse tipo de ensino, os(as) professores(as) da Bahia não estavam preparados e tiveram que se adaptar no decorrer do processo ensino-aprendizagem. Evidentemente, há alunos que também encontram essas dificuldades, sendo um elemento indicativo para uma possível queda na aprendizagem, que aliás é sentida pelos professores baianos (CUNHA; COSTA, 2021).

Considera-se a problemática da exclusão digital no país a mais urgente de ser solucionada, pois se uma parcela considerável dos alunos não tem condições de acessar as aulas porque não possuem equipamentos e Internet necessária, o ensino remoto não se torna a estratégia mais pertinente para dar continuidade as aulas no contexto pandêmico, tendendo a ser muito problemática.

A Constituição Federal, em seu art. 206, inciso I, referente à educação, prevê “a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1988). Ora, se é preciso continuar o processo formativo do aluno e a educação está vivendo uma situação atípica, em que a “escola” está integrada à casa dos alunos. É preciso então que o Estado intervenha, já que ele compartilha esse dever com as famílias e algumas destas não conseguem proporcionar



TICs e internet de qualidade para que seus membros acompanhem as aulas, tornando-se seu dever ofertar essas ferramentas.

Há outra intervenção que o Estado precisa fazer nesse período de ensino remoto, que diz respeito a capacitar os professores para que estes consigam lidar com as TICs e os softwares utilizados pelas escolas para poderem prosseguir com o processo de ensino-aprendizagem.

Faz-se necessário salientar que, antes de começarem com o ensino remoto, os gestores deveriam ter ofertado um período de formação aos professores para que, minimamente, eles pudessem estar familiarizados com as ferramentas utilizadas e conseguissem orientar seus alunos.

Subtende-se pela resposta dada pelos professores da pesquisa de Cunha e Costa (2021), que na maioria dos casos não houve essa formação e se houve não foi suficientemente satisfatória, já que o dado indica que a maioria não sabia lidar com essas tecnologias

CONCLUSÃO

Para todos os desafios que a educação básica enfrenta, especialmente nesse período de educação remota, e não só os que foram apontados na presente pesquisa, é pressuposto básico para sua resolução colocá-los em pauta, não apenas no contexto escolar, mas também em ambientes políticos e sociais. Quanto mais desvelados estiverem e postos em debate, mais aberto estará o “caminho” para solucioná-los.

Este trabalho, por exemplo, cumpre esse papel, ao evidenciar alguns fatores problemáticos que surgem na educação on-line no contexto brasileiro, propondo que eles sejam debatidos e refletidos. Não se coloca entre os objetivos encerrar as discussões sobre o tema, pois seria presunção e estaria contradizendo o argumento de que é importante valorizar o diálogo visando a um consenso como método para solucionar os problemas. Há outros desafios centrais, que precisam ser colocados em pauta o quanto antes, para que sejam debatidos e gerem um efetivo e equânime processo de educação nesse momento de pandemia, e que seus efeitos se reverberem para o pós-pandemia.

PALAVRAS-CHAVES: Pandemia COVID-19. Educação. Desafios. Educação Básica.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CUNHA, Ana Luiza Salgado; COSTA, Glauber Barros Alves (org.). Relatório de Pesquisa: Os desafios de ser professor (a) durante a pandemia da Covid-19 na Bahia. 1 ed. Caetité: UNEB – Universidade do Estado da Bahia, 2021.

COUTO, E. S.; Couto, E. S.; CRUZ, I. de M. P. #FIQUEEMCASA: Educação na pandemia da Covid-19. Educação, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p200-217>. Acesso em: 02 maio 2021.

SENHORAS, Eloi Martins. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 2, n. 5, p. 128-136, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5281/zenodo.3828085>. Acesso em: 02 maio 2021.

975

Realização:



Apoio:

